

Editorial

O segundo número deste ano de **Scientiæ studia** está dedicado, em sua maior parte, à tradição francesa de reflexão filosófica sobre a ciência e a tecnologia. Assim, os três primeiros artigos dedicam-se a analisar aspectos da filosofia da técnica de Gilbert Simondon: a sua contribuição à teoria da concretização; as relações entre a mecanologia de Simondon e a cibernética de Norbert Wiener; e a possibilidade de uma teoria biológica da tecnologia, enquanto o quarto artigo, partindo das posições de Georges Canguilhem sobre o normal e o patológico, discute a possibilidade de fundamentar a crítica social do capitalismo contemporâneo na crítica biopolítica. A seguir, é analisada a proposta de Hans Jonas de uma nova ética, baseada na responsabilidade perante a natureza, para a civilização tecnológica. E, por fim, é analisada a recepção e divulgação das ideias ópticas de Isaac Newton no continente europeu durante o século XVIII, em especial, na França, com Voltaire, e na Itália, com Algarotti. Fecham o número cinco resenhas que se ligam à tradição francesa, introduzindo o pensamento de Jacques Ellul sobre a tecnologia; discutindo a concepção de avanço técnico e o conceito de invenção em Gilbert Simondon; analisando as relações entre ética, conhecimento e vida em Georges Canguilhem; e apresentando as ressonâncias da biopolítica de Michel Foucault para a questão dos sofrimentos psíquicos.

Abre este número de **Scientiæ studia** o artigo de Andrew Feenberg que se dedica a desenvolver as implicações políticas da contribuição de Simondon para os estudos sobre a tecnologia, para a filosofia ambiental e para a teoria crítica da tecnologia do próprio autor. O artigo se desenvolve em três etapas. Na primeira, Feenberg apresenta três conceitos, que considera como chaves para a compreensão das consequências da filosofia de Simondon no contexto político contemporâneo: as ideias de uma relação entre os valores e o projeto tecnológico, de um meio associado e de concretização técnica. Aproximando, na segunda parte, a conceituação simondoniana do construtivismo da teoria do ator-rede de Latour, o autor procura superar a separação típica de Simondon entre tecnologia e sociedade, recuperando a apropriação original de Simondon feita por Marcuse, no sentido de usar criativamente essa apropriação na composição da teoria crítica da tecnologia.

Tendo o objetivo de suscitar um interesse epistemológico na filosofia da tecnologia, Ivan Domingues procura, em seu artigo, lançar luz sobre a questão das relações entre a tecnologia, a engenharia e a ciência no pensamento de Gilbert Simondon. Para isso, Domingues examina a evolução terminológica de uma família de conceitos de Simondon, aparentados ao de cibernética, desenvolvido por Norbert Wiener: dos conceitos de alagmática (teoria das operações) e organologia (teoria dos órgãos), utilizados preferencialmente nas teses (principal e complementar) de Simondon, até o conceito de mecanologia, que é preponderante na entrevista de 1968, discutindo a influência da cibernética de Wiener, segundo a qual, além da ciência dos objetos e das estruturas, há uma ciência das operações e processos, que são tomados na interação entre sujeito e objetos, dos quais fazem parte agora os instrumentos, para mostrar que, nesse sentido, a cibernética trata diretamente da interação entre humanos e máquinas. Como mos-

tra o autor, a mecanologia é então uma cibernética universal, desatrelada das engenharias (particulares) e coordenada à ontogênese dos objetos técnicos.

No terceiro artigo deste número, Wendell Evangelista Soares Lopes detém-se no significado, em Simondon, da filosofia biológica da técnica, para mostrar como a analogia com o orgânico é básica na constituição da ontogenética técnica. Segundo o autor, na análise a que Simondon submete o processo de individuação dos objetos técnicos, ele mobiliza explicitamente os conceitos de concretização (superdeterminação funcional), adaptação e ambiente associado, os quais revelam a organicidade do modo de existência dos objetos (seres) técnicos. Segundo a ordem técnica, tal como é pensada por Simondon, quanto mais concreto e adaptado é um objeto técnico tanto mais sua individuação se aproxima da individualidade propriamente orgânica (biológica). Novamente, isso aponta para uma convergência entre a máquina de tipo cibernético (autônoma e recursiva) e o orgânico. Embora a autonomia da máquina cibernética pareça limitada a uma “mutação orientada”, enquanto o organismo é uma autoprodução vital, ainda assim, a autonomia dos seres técnicos (artificiais) levanta a dupla questão, duas faces de uma mesma moeda, de saber se máquinas podem simular inteiramente o vital e se a técnica é autônoma com relação à sociedade.

No quarto artigo do número, Vladimir Safatle se debruça sobre a trajetória de vida de Georges Canguilhem, o insigne professor de Simondon, para pensar a possibilidade de reorientar a biopolítica, que foi utilizada predominantemente, e até excessivamente, na descrição dos mecanismos disciplinares de administração dos corpos e de gestão (probabilística/estatística) da vida, de modo que ela possa fornecer uma base para a crítica social do capitalismo contemporâneo. Safatle deriva essa biopolítica – que é capaz de operar a crítica social da economia – do vitalismo de Canguilhem o qual serve de pano de fundo para três aspectos importantes da biopolítica de Canguilhem: a concepção da normatividade vital; a conhecida teoria das relações entre o normal e o patológico; e o conceito de errância da atividade vital. Ora, o referencial de análise biopolítica obtido com a articulação dos três conceitos pode representar um ganho teórico, pois avança na direção de uma teoria das normas (normatividade), e um ganho crítico, mediante a reorientação do pensamento social no sentido de uma crítica biopolítica da economia capitalista.

Completam este número de *Scientiæ studia* dois artigos que diferem dos anteriores apenas porque não tratam da escola francesa. Assim, Maurício Chiarello examina a proposta de Hans Jonas de uma nova ética mais apropriada à civilização tecnológica, avaliando-a em sua capacidade de mobilização dos cientistas para o exercício da responsabilidade para com a natureza. Chiarello mostra o impasse a que conduz a posição de Jonas: ao fazer a crítica da compulsão tecnológica, sem o necessário redirecionamento da pesquisa científica, ele fica impossibilitado de propor alternativas efetivas que manifestem melhor os valores ligados à responsabilidade ética e social dos cientistas e tecnólogos. Para sair do impasse, o autor lança mão então da posição de Lacey sobre o papel dos vários tipos de valores nas atividades científicas e combina isso com a ideia, que ele retira de temas presentes em Adorno e em Marcuse, de

uma experiência estética capaz de abertura à alteridade e de acolhimento de valores menos ligados à *húbris* tecnológica que possam ser incorporados por modos alternativos de conduzir a atividade científica e tecnológica, no sentido da alta manifestação de valores humanos, sociais e ambientais.

Encerrando a série de artigos, Breno Arsioli Moura e Cibelle Celestino Silva analisam a recepção das concepções ópticas newtonianas no continente, particularmente, na França com Voltaire e na Itália com Angarotti, durante a primeira metade do século XVIII. Comparando o *Elementos da filosofia da Newton* de Voltaire e o *Newtonianismo para damas* de Algarotti – livros que inauguram o gênero literário da divulgação científica –, os autores mostram as distorções e simplificações do conteúdo científico próprio do *Óptica* de Newton que produzem e propagam uma imagem idealizada de suas concepções científicas e da própria filosofia natural. Esse processo de propagação das ideias científicas faz parte, desde então, do processo pelo qual foi sendo constituída a capilaridade de comunicação entre a ciência e a sociedade que produziu paulatinamente a predominância social da ciência, como base da civilização tecnológica.

Este número de **Scientiæ studia** publica cinco resenhas dedicadas a obras ligadas à tradição francesa de estudos sobre a ciência e a técnica. Na primeira, Jorge Barrientos Parra faz uma apresentação da coletânea *Jacques Ellul and the technological society in the 21st century*, organizada por Helena Mateus Jerónimo, José Luís Garcia e Carl Mitchan e aproveita a oportunidade para apresentar o trabalho pouco conhecido entre nós desse importante estudioso da tecnologia, fornecendo um roteiro completo de leitura de sua obra, além do breve relato das contribuições da coletânea sobre a adequação das concepções de Ellul à situação atual. Na segunda, Cristiano Cordeiro Cruz analisa o *Entretien sur la mécanologie*, que consiste de duas entrevistas concedidas em 1968 por Gilbert Simondon a Jean Le Moyne, sob encomenda do Ofício do Filme do Québec, Canadá. Após explicitar que a principal diferença entre as concepções cibernéticas de Simondon e Wiener encontra-se na concepção de informação, pois enquanto para Simondon ela é tomada em seu aspecto de potencializar a individualização e, portanto, a invenção, para Wiener, ela é tomada como incremento de controle por regulação e homeostase, Cruz trata das relações entre o processo ontogenético de individuação técnica e o processo de individuação individual e coletiva dos seres humanos. Na terceira resenha, Marcos Camolezi concentra-se no conceito de invenção, tal como ele se encontra no curso *Imagination e invention* (1965-1966) de Gilbert Simondon. Faz isso em duas etapas. Na primeira, mostra o estreito vínculo entre invenção e imagem, apresentando as quatro fases do circuito ontogenético das imagens; na segunda, faz a genealogia da invenção como problema filosófico a partir do final do século XIX, passando por Bergson, Bachelard e Canguilhem, para chegar a Simondon, em um verdadeiro esclarecimento contextual de sua trajetória intelectual. De sua parte, Rodolfo Franco Puttini resenha o livro *O conhecimento da vida* de Georges Canguilhem, apresentando a estrutura e organização dos oito ensaios que o compõem e que tratam do vínculo entre pensamento e vida, com o qual Canguilhem se empenha em fundamentar o campo ético nas ciências médicas e sociais. No curso da apresentação dos ensaios da coletânea, Puttini examina sucessi-

vamente o método historiográfico de Canguilhem; a questão de se as ciências da vida podem prescindir de uma filosofia da vida, e as repercussões e diretrizes para a filosofia e a sociologia da medicina. Fechando as resenhas, María Fernanda Vásquez Valencia apresenta a edição espanhola do livro de Sandra Caponi, *Locos y degenerados: una genealogia de la psiquiatria ampliada*, primeiramente publicado em português. Valencia mostra como por meio de um estudo histórico-epistemológico, que ressoa intensamente os estudos genealógicos de Foucault, Caponi estuda a emergência da psiquiatria ampliada como mecanismo biopolítico a partir da segunda metade do século XIX, com a constituição dos dispositivos de institucionalização do tratamento mental e de medicalização forçada, apropriados à teoria da degeneração então dominante. A autora trata então da constituição da psiquiatria como disciplina científica e médica, sua relação com a justiça e a definição dos dispositivos de internação, classificação e regulação que possibilitaram o discurso médico sobre o anormal e a ampliação das fronteiras da psiquiatria ao estudo e intervenção de condutas, desvios, anomalias, vícios e sofrimentos psíquicos.

PABLO RUBÉN MARICONDA
editor responsável

